

## O GÊNERO HORÓSCOPO E SUA ESTRUTURA TEXTUAL E DISCURSIVA NA PÁGINA ASTROLOUCAMENTE DO INSTAGRAM

Leudson da Silva Coelho (UFMA) <sup>1</sup>  
*leudsoncoelho@gmail.com*

**RESUMO:** Neste trabalho, analisamos a estrutura linguístico-discursiva do gênero horóscopo on-line. Fundamentamo-nos em estudos sobre gêneros do discurso (Bakhtin, 2011), discurso de incitação à ação (2019) e argumentação no discurso (Amossy, 2005, 2011, 2018). A ideia é examinar como as ações languageiras conduzem o interlocutor a agir em determinada direção, ou seja, caracterizando o gênero horóscopo on-line como um discurso de incitação à ação. Para tanto, selecionamos como *corpus* dois textos coletados da página astroloucamente no Instagram. Os resultados apontam a presença das características linguísticas comuns ao discurso de incitação à ação, além da dimensão argumentativa, pois todo texto tem como propósito (explícito ou não) agir sobre valores e crenças dos interlocutores.

**Palavras-chave:** Discurso de incitação à ação. Horóscopo on-line. Dimensão argumentativa.

### 1 INTRODUÇÃO

O horóscopo é um gênero do discurso que circula em diferentes suportes midiáticos – seja jornal, revista, sites especializados, folhetos e nas redes sociais, cujo propósito comunicativo é aconselhar e fazer prognósticos acerca dos indivíduos nascidos sob determinado signo. Dessa forma, independente de crenças, o gênero está diretamente relacionado às vontades do homem, ou seja, a necessidade de alento, de consolo. Pensar no gênero horóscopo e na sua circulação é pensar nas questões atemporais do ser humano.

Desse modo, investigar o horóscopo é considerar que as crenças dos indivíduos precisam circular, é conceber que tais crenças precisam ser veiculadas na e pela linguagem de modo reconhecível, de forma tipificada e que demonstre um conjunto de práticas e comportamentos.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Isso posto, a construção desse trabalho foi norteadada por alguns questionamentos que serviram de nosso ponto de partida: a) quais as estratégias linguístico-discursivas predominantes na organização do gênero horóscopo on-line? b) o gênero horóscopo é uma sequência injuntiva ou um discurso de incitação à ação?

Para responder as perguntas aqui colocadas, organizamos o presente artigo em quatro seções, além da introdução e considerações finais, com o seguinte conteúdo: na primeira, apresentar-se-á a concepção de gênero do discurso em Bakhtin (2011); na segunda, a concepção de discurso de incitação à ação em Adam (2019); na terceira, a concepção de argumentação no discurso em Amossy (2005, 2011, 2018); e na quarta, uma análise linguístico-discursiva do gênero horóscopo on-line.

## 2 GÊNEROS DO DISCURSO

Conforme Bakhtin (2011) toda sociedade elabora seus próprios enunciados. Os gêneros do discurso são produtos das atividades comunicativas e estão postos diretamente no contexto cultural e social dos sujeitos. Assim, gênero e enunciado estão relacionados, pois ao conceituar afirma que são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 262).

Os gêneros do discurso permitem a organização e mediação do uso que fazemos da linguagem. Todos os falantes de uma língua modelam sua fala às formas dos gêneros e os reconhecem nos usos sociais. É esse reconhecimento que os indivíduos têm, ainda que de modo inconsciente, que permite a comunicação verbal, pois todo texto pode ser categorizado como pertencente a determinado gênero. Bakhtin (2011, p. 261) assevera que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. Marcuschi (2011), por sua vez, corrobora com a afirmação do linguista russo, pois:

Os gêneros na sociedade um dos aspectos mais fascinantes, pois mostra como a própria sociedade se organiza em todos os seus aspectos. E os gêneros são a manifestação mais visível desse funcionamento que eles ajudam a constituir, envolvendo crucialmente linguagem, atividades enunciativas, intenções e outros aspectos. Basta tomar um setor de alguma atividade humana ou célula social para observar o que ocorre ali. Serve inclusive para perceber como se organizam valores e como se opera com eles. (MARCUSCHI, 2011, p. 25)

Dessa forma, a língua é utilizada por meio de enunciados, que podem ser orais ou escritos, concretos e únicos que emanam de integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. Segundo Faraco (2009):

Assim, se queremos estudar o que dizer, temos sempre que nos remeter a uma ou outra esfera da atividade humana, porque não falamos no vazio, não produzimos enunciados fora das múltiplas e variadas esferas do agir humano. Em outros termos, o que é dito (o todo do enunciado) está sempre relacionado ao tipo de atividade em que os participantes estão envolvidos. Do mesmo modo, se queremos estudar qualquer das inúmeras atividades humanas, temos de nos ocupar dos tipos do dizer (dos gêneros do discurso) que emergem, se estabilizam e evoluem no interior daquela atividade, porque eles constituem parte intrínseca da mesma (FARACO, 2009, p. 126).

Sobral (2016), com base nos postulados teóricos de Bakhtin, define que o conteúdo temático, o estilo da linguagem e a forma composicional, estão em busca de pormenorizar o gênero em forma de recursos e defende:

Tema é um termo de grande riqueza sugestiva que não se confunde com “assunto”: pode-se falar de um dado assunto e ter outro tema; logo, tema é o tópico do discurso como um todo. A forma de composição, vinculada de forma arquitetônica, que é determinada pelo projeto enunciativo do locutor, não se confunde com um artefato, ou forma rígida, porque pode se alterar de acordo com as alterações dos projetos enunciativos; trata-se da maneira de como o gênero mobiliza um texto, a estrutura textual do gênero. O estilo é o aspecto do gênero mais ligado à sua mutabilidade: é ao mesmo tempo expressão da relação discursiva típica do gênero e expressão pessoal, mas não subjetiva, do autor no âmbito do gênero (SOBRAL, 2016, p. 173-174).

Por isso, o tema não é o assunto específico de um texto, mas é um domínio de sentido de que se ocupa um gênero. O gênero cartas de amor, por exemplo, apresentam o tema das relações amorosas, e cada uma dessas cartas podem tratar de um assunto específico como rompimento ou traição, ou seja, dentro do mesmo tema. A forma de composição é o modo de organizar o texto, de estruturá-lo. E, por último, o estilo diz respeito a uma seleção de meios linguísticos (lexicais, fraseológicos e gramaticais) em função da imagem do interlocutor.

Em cada esfera de atividades humanas são identificáveis a riqueza e diversidade dos gêneros, que são concebidos de acordo com o contexto social, ampliando e se diferenciando dos demais ao passo que tal contexto modifica-se e apresenta complexidade. Bakhtin (2011) destaca, ainda, que a heterogeneidade dos gêneros, seja os orais ou escritos, os quais precisam ser integrados com relevância

nas diferentes formas de relatos cotidianos, nas diferentes formas das manifestações científicas e todos os gêneros literários. É importante ressaltar que:

A riqueza e variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Cumpre salientar de um modo especial a heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), que incluem indiferentemente: a curta réplica do diálogo cotidiano, a ordem militar padronizada, o repertório bastante diversificado dos documentos oficiais, o universo das declarações públicas. E é também com os gêneros do discurso que relacionaremos as várias formas de exposição científica e todos os modos literários. Não há razão para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a conseqüente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado (BAKHTIN, 2011, p. 262).

Em razão disso, surge daí a compreensão dos gêneros do discurso, como dito anteriormente, como formas de enunciados relativamente estáveis, pois “a maioria desses gêneros se presta a uma reformulação livre e criadora” (BAKHTIN, 2011, p. 284), pois se “comparados às formas da língua, são bem mais mutáveis, flexíveis e plásticos; entretanto para o indivíduo falante, eles têm significado normativo, não são criados por ele, mas são dados a ele” (BAKHTIN, 2011, p. 285). Portanto, o gênero não é a representação de um pensamento individual, mas a representação dialógica coletiva numa dada realidade socialmente constituída.

Para Bakhtin (2011) não se deve minimizar a relevância da heterogeneidade dos gêneros do discurso e a complexidade advinda de precisar a natureza geral do enunciado. Em relação a isso, percebemos as diferenças que permeiam os gêneros primários (simples) e os gêneros secundários (complexos).

A esse propósito, Faraco (2009), em sua obra *Linguagem e Diálogo: as ideias do círculo de Bakhtin*, permite uma interpretação para a distinção entre gêneros primários e secundários do discurso que não são princípios de classificação do discurso. Trata-se, conforme o autor (2009, p. 61), de uma diferença “entre duas esferas de criação ideológica: a ideologia do cotidiano e os sistemas ideológicos constituídos”.

As duas esferas são interdependentes, sendo que a primeira compreenderia a totalidade das atividades ideológicas e sociais centradas na vida cotidiana, desde os

mais fortuitos eventos (um acidente pedido de informação na rua) até aqueles que se associam diretamente com os sistemas ideológicos constituídos (a leitura de um romance – por exemplo). Por outro lado, o estudioso observa que “a segunda esfera compreende a totalidade das práticas ideológicas e sociais culturalmente mais elaboradas, como as artes, as ciências, o direito, a filosofia, a religião, etc.” (FARACO, 2009, p. 61-62).

Os gêneros secundários, por sua vez, têm a capacidade de incorporar os gêneros primários, que se modificariam no bojo dos primeiros, perdendo, portanto, a característica de relação imediata com o contexto material de produção. Os primários podem ser absorvidos pelos secundários no momento de elaboração por serem mais suscetíveis de uma resposta imediata. Assim sendo, o criador do enunciado, no momento de sua concepção, já está desenvolvendo as informações e respondendo ao enunciado, ainda que interrompa sua resposta; em contrapartida, nos secundários, na maioria das vezes, é comum se pensar numa ação responsiva mais elaborada devido à multiplicidade das atividades de comunicação.

A incorporação dos gêneros, no entanto, também pode ser observada no funcionamento dos gêneros primários. O processo de incorporação é um dos lugares onde é possível observar a plasticidade dos gêneros. Todas essas características apontam para sua relativa estabilidade, sua dinamicidade e sua relação com a situação social de interação. Em contrapartida, para Fiorin (2019), os primários também incorporaram os secundários. Destaca, ainda, como exemplo, uma conversa informal entre amigos que pode assumir o aspecto de uma dissertação filosófica. “Os gêneros podem também hibridizar-se, ou seja, podem cruzar-se” (FIORIN, 2019, p. 78).

Em suma, as atividades humanas estão sempre envolta da linguagem, e todos os diferentes textos encontram-se nas vivências estabilizadas em gêneros. Nesse contexto, é fundamental a noção de que “a língua é uma atividade sociointerativa de caráter cognitivo, sistemática e instauradora de ordens diversas na sociedade” (MARCUSCHI, 2008, p. 163). Compreendemos, ainda, que o funcionamento da língua se dá por meio de enunciados escritos e orais e, portanto, devemos conceber os

gêneros do discurso em razão da sua função e seu papel no processo de interação social.

### 3 DISCURSO DE INCITAÇÃO À AÇÃO

Nos primeiros postulados teóricos sobre sequências textuais, Adam (2019) admitia a possibilidade de uma sequência descritiva que agrupava gêneros como a receita culinária, a instrução de montagem, as ordens, os regulamentos, as regras de jogo, os guias de viagem, o horóscopo, profecia e até o boletim meteorológico.

Adam (2019) assevera que os textos de incitação à ação não possuem um mesmo protótipo de sequência textual, pois “as regularidades microlinguísticas são numerosas demais para constituir um tipo de texto, malgrado as diferenças das práticas discursivas em jogo” (ADAM, 2019, p. 254). Além disso, não existe macroproposições composicionais que sejam abrangentes a todos os gêneros de incitação à ação. Para o teórico, as regularidades percebidas são impostas por um nível superior – gêneros discursivos, formação social e ações languageiras realizadas.

Por essa razão, haveria mais diferenças do que semelhanças entre os gêneros com discurso procedural, como as receitas, os manuais de instrução, os gêneros com injunção, como os conselhos de beleza, o horóscopo, os regulamentos, as regras de jogo, os manuais de etiqueta. Em função disso, toda essa complexidade dos gêneros, das práticas discursivas e das regularidades microlinguísticas deve ser observada como um quadro epistemológico mais complexo.

Adam (2019) utiliza, portanto, a nomenclatura de “discurso de incitação à ação”, ao invés de “discurso procedural”, pois a categoria desses textos factuais que visam a um propósito prático (guiam a realização de uma tarefa) é extensa demais, e o termo procedural não compreenderia todas as possibilidades, já está mais relacionado a injunções, aconselhamentos para praticar certos procedimentos. Como salienta o autor (2019):

A grande característica desses textos é a presença massiva de predicados de ação: da proibição da ação (proibido fumar) à injunção para agir de maneira procedural (toque a campainha e entre), passando pela representação de ações sucessivas e de protocolos de ação. Essas ações estão no infinitivo, no imperativo, no futuro ou presente. Devido à densidade dos predicados de ação, esses textos incluem muitos organizadores e

advérbios temporais (especificando a sucessão e/ou duração das operações ou suboperações) bem como organizadores e advérbios locativos (principalmente os guias de viagem, de passeio, de excursão, mas também manuais para indicar a parte precisa de um objeto sobre o qual uma operação deve ser realizada). Encontramos, por outro lado, poucos conectores argumentativos e muito menos ainda concessivos. (ADAM, 2019, p. 255)

O caráter obrigatório e o grau de restrição de atos de discursos imperativos sofrem variação de um gênero para o outro: a liberdade de não seguir a injunção-recomendação é muito baixa para todos os gêneros reguladores (instruções e regulamentos), muito alta para os conselhos e outros horóscopos, média para o gêneros procedurais (receitas, guias, instruções de montagem).

Nesse sentido, os textos que entram nessa vasta e confusa categoria são factuais e todos visam a uma finalidade prática (mesmo o horóscopo, que se aproxima mais do conselho do que da programação). Como destaca o autor:

Esses textos são destinados a facilitar e a guiar a realização de uma tarefa ou macroação do sujeito que a deseja ou que é responsável por fazê-la. A presença de um léxico relevante de um domínio especializado se explica pela precisão pretendida e pelo fato de que o universo de referência é comum ao produtor e ao leitor-destinatário. Os conhecimentos de mundo, os scripts, um léxico e uma série de unidades fraseológicas são, portanto, compartilhados (ADAM, 2019, p. 255).

As práticas sociodiscursivas dos textos que incitam à ação são bem distintas, porém apresentam muitas regularidades linguísticas, “por isso brota daí um ar de família” (ADAM, 2019, p. 275). Essas regularidades linguísticas são compostas por: características enunciativas (C1); contrato de verdade e premissa de sucesso (C2); léxico especializado (C3); representação de ações e força ilocutória (C4); marcas de conexão (C5) e macrossegmentação tipográfica (C6).

Em relação as características enunciativas (C1) há um paradoxo aparente que regula enunciativamente os textos de incitação à ação. A voz do enunciador é apagada com o propósito de conferir maior credibilidade as informações apresentadas. Por outro lado, o lugar do sujeito-agente (destinatário) é deixado pronominalmente aberto (você). Ele pode, assim, ser ocupado por cada leitor-usuário.

Sobre o contrato de verdade e promessa de sucesso (C2) existe um acordo relativo às informações fornecidas. Esse acordo implícito permite ao destinatário que, se ele se conforma com todas as recomendações e se respeita os procedimentos

indicados, alcançará o objetivo visado. “Sob esse aspecto, o horóscopo não difere das diversas formas de instrução e de outros guias” (ADAM, 2019, p. 276).

Além disso, em cada gênero, existe um léxico próprio de um domínio especializado (C3). O léxico é imposto pela precisão informacional buscada e pelo fato de o conhecimento do universo de referência (esporte, jardinagem, bricolagem especializada, medicina, cozinha etc.) ser supostamente comum aos coenunciadores.

Outra característica importante dos textos de incitação à ação é a representação de ações e força ilocutória (C4). Aqui há a abundância de predicados representando ações temporais sucessivas e atualizadas verbalmente no infinitivo, no imperativo, no futuro ou no presente. Indicações complementares modalizam certas ações informando muito precisamente sobre o modo de fazer e/ou acrescentando a isso verbos modais do tipo poder e dever.

Há, ainda, as marcas de conexão (C5) que ressalta a importância dos conectores nos textos. “Os organizadores temporais permitem precisar a sucessão e/ou a duração das operações e das suboperações” (ADAM, 2019, p. 278). A presença de organizadores locativos caracteriza, principalmente, “os guias de viagem, de caminhada, de excursão, mas também para indicar a parte precisa de um objeto sobre a qual se dá uma operação conforme instrução de uso, manuais, etc. (ADAM, 2019, p. 278).

Por último, consta como propriedade comum uma segmentação e uma ampla exploração de possibilidades de formatação tipográfica (C6). Sobre essa característica:

Uma grande visibilidade resulta das indicações alfanuméricas, das linhas frequentemente sobremarcadas por “chips”, pela presença de componentes icônicos (fotografias, desenhos e/ou infografia sob a forma de mapas, de esquemas) que vão da simples ilustração à informação principal. Cada vez mais, desenhos e esquemas, como o apoio de uma numeração, substituem parcial ou totalmente a enumeração verbal das ações nas instruções de montagem de um móvel ou de uma maquete e nos guias. Em todos os casos, não se trata simplesmente de dizer, mas de mostrar como fazer. (ADAM, 2019, p. 278)

Em síntese, pelos apontamentos aqui discutidos não é o caso de se criar um protótipo sequencial, mas, sim, uma família de gêneros discursivos fortemente



determinados por componentes semântico-pragmáticos comuns: visada ilocutória injuntiva, lugar enunciativo vazio destinado a ser ocupado pelo leitor, mundo representado não funcional.

#### 4 ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO

A Análise da Argumentação no Discurso (ADD) de Ruty Amossy (2018) é concebida como uma redefinição da retórica como um campo da Análise do Discurso francesa (AD), ou seja, consiste em um resultado da combinação entre a antiga e nova retórica, cujo foco está no âmbito da argumentação e de suas estratégias de persuasão como parte integrante do discurso como dizer socialmente situado e constituído.

A análise argumentativa apresenta-se como um ramo da Análise do Discurso (AD) na medida em que deseja esclarecer os funcionamentos discursivos, explorando uma fala situada e, pelo menos, parcialmente sujeita a coerções” (AMOSSY, 2018, p. 11)

Não obstante, faz-se necessário elucidar as diferenças que se estabelecem entre a noção de “sujeito da AD” e “sujeito da retórica”. O primeiro é não é dono da sua vontade ou do seu dizer, pois é coagido por influências ideológicas e discursivas; o segundo aparece como um sujeito soberano, dono do seu discurso, que emprega de forma consciente a língua para influenciar outros sujeitos. De outro modo, para a retórica, o sujeito tem livre-arbítrio e total consciência do que realiza ao escolher dados e produzir lógica.

Essa diferença entre os sujeitos não é percebida como uma divergência epistemológica que impeça a união entre a retórica (clássica e nova) e AD, pois Amossy (2005) assevera que a retórica pode ser readequada por uma perspectiva que a contemple como uma área da AD e que, desse modo, o sujeito retórico seja ressignificado. Em outras palavras, na AAD, o sujeito é visto, de acordo com o papel social que exerce, como autor de um plano discursivo imposto por condições de ordem social. Nessa perspectiva, o discurso e os modos de pensar e de dizer o mundo do enunciador são observados como uma resposta, ainda que subentendida, às palavras alheias ditas anteriormente. Retoma, assim, a concepção dialógica da linguagem, com base em Bakhtin, na qual “o sujeito aparece, então, como atravessado pelo

interdiscurso, investido da palavra do outro e imerso em uma circulação discursiva generalizada que não possui exterioridade absoluta” (AMOSSY, 2005, p. 175).

Com base também na perspectiva dialógica de linguagem do círculo de Bakhtin, a AAD, do mesmo modo que a Linguística Textual, considera a ideia de responsividade ativa como fundamento teórico que corrobora a noção de que a argumentação é indissociável do funcionamento discurso, pois enunciar é responder a um já dito, seja com o objetivo de concordar, refutar ou modificar. Isso posto, sinaliza que, para adotar um juízo crítico acerca de determinado tema, para defender um ponto de vista sobre ele, não é fundamental que o já dito com o qual se estabelece diálogo seja evidente nem visivelmente percebido, ao menos não em sua completude. Por isso:

Nessa perspectiva dialógica, a argumentação está, pois, a priori no discurso, na escala de um continuum que vai do confronto explícito de teses à co-construção de uma resposta a uma dada questão e à expressão espontânea de um ponto de vista pessoal. Por isso, cabe ao analista descrever as modalidades da argumentação verbal da mesma forma que os outros processos linguageiros, e numa estreita relação com eles. (AMOSSY, 2011, p. 131)

Amossy, a partir do fundamento dialógico, reestrutura a concepção de argumentação da nova retórica, compreendida como sendo a tentativa por “provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 04), pela concepção de argumentação como sendo “a tentativa de modificar, de reorientar, ou mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas da parte do alocutário. [...] a tentativa de fazer aderir não somente a uma tese, mas também a modos de pensar, de ver, de sentir” (AMOSSY, 2011, p. 130).

Assim sendo, nem todo discurso almeja levar seu auditório à adesão de uma tese, o que implica numa posição evidente e determinada por parte do enunciador, porém todo discurso busca influenciar os modos de ver, de pensar e de sentir dos interlocutores. Essa asserção, de natureza enunciativa e pragmática, resultou na diferença entre visada argumentativa e dimensão argumentativa, que constituem as modalidades da argumentatividade no discurso.

Na visada argumentativa, há um modo planejado de persuasão, uma vez que o propósito do locutor ao produzir um texto que permita essa visada é orientar o interlocutor a concordar com sua opinião ou tese acerca do tema em questão. “Em termos de gêneros, podem-se mencionar (entre outros) como discursos com visada argumentativa a pregação de igreja, o discurso eleitoral, a publicidade, o editorial” (AMOSSY, 2018, p. 44).

Por outro lado, a dimensão argumentativa é muito mais ampla, pois reside na “tendência de todo discurso a orientar os modos de ver do(s) dos parceiros(s)” (AMOSSY, 2011, p. 131). Dessa forma, a dimensão argumentativa necessita somente que um ponto de vista se revele sob a perspectiva de ideias divergentes, que não precisam ser explicitamente elaboradas, posto que toda ato de enunciar presume a um já dito ao qual ela responde. “Entre os discursos que portam uma dimensão [...] estão o artigo científico, a reportagem, as informações televisivas, algumas formas de testemunho ou de autobiografia, a narrativa de ficção, a carta ao amigo, etc. (AMOSSY, 2018, p. 44).

Essa diferença entre visada argumentativa e dimensão argumentativa permite uma análise argumentativa “que se liga a um vasto corpus que vai da conversação cotidiana ao texto literário, passando pelo discurso político, pelas mídias e pela internet” (AMOSSY, 2018, p. 41). O núcleo da abordagem de Amossy é justamente os funcionamentos discursivos da argumentação, motivo pela qual é dado uma posição de destaque aos gêneros do discurso e aos recortes institucionais da fala em situação.

Por fim, a argumentação no discurso pode observar os funcionamentos discursivos estudados em si mesmo, ou oferecer instrumentos para análise de textos concretos. “Permite abarcar corpora mais amplos e deles extrair as particularidades” (AMOSSY, 2018, p. 276). Dessa forma, a argumentação não participa somente de textos que almejam fazer aceitar uma tese bem definida, mas também daqueles que permitem compartilhar um ponto de vista sobre o real, reforçando valores, orientando a reflexão. A argumentação indo além da fala cuja vocação declarada consiste em persuadir, se inscreve diretamente no discurso e participa das conversações mais banais e dos textos literários menos “engajados”.

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS DADOS

### 5.1 Metodologia

Neste trabalho, adotamos o método indutivo. Partimos do particular para o geral, pois investigamos as manifestações particulares de ocorrências do discurso de incitação à ação até alcançarmos às relações gerais que essas ocorrências possuem entre si, assimilando, assim “por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal não contida nas partes examinadas” e “levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 86).

Nossos dados, por sua vez, são de cunho qualitativo. Escolhemos essa investigação por considerá-la a mais apropriada para explicação e discussão de concepções anteriormente definidas. “Na pesquisa qualitativa não é necessário o uso de métodos e técnicas estatísticas” (SILVA; MENEZES, 2005, p. 21)

Esta pesquisa, com base nos objetivos determinados, é de natureza explicativa, pois segundo Gil (2008, p. 28) tem como preocupação central “identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos [...] explica o porquê das coisas”.

O *corpus* aqui é constituído de 02 horóscopos on-line selecionados, aleatoriamente, por entendermos que assim seriam contempladas a importância e fidedignidade da análise sem intervenção da escolha por parte do pesquisador. Esses textos foram coletados da página astroloucamente da rede social Instagram que possui milhões de seguidores e milhares de textos.

Para análise do *corpus* deste trabalho, adotamos os seguintes critérios:

- O primeiro critério, sendo o horóscopo um discurso de incitação à ação, observamos as características linguísticas comuns que compõem esses textos. Essas características são: características enunciativas (C1); contrato de verdade (C2); léxico especializado (C3); representação de ações e força ilocutória (C4); marcas de conexão (C5) e macrossgmentação tipográfica (C6).

- O segundo critério analisa como se dá a dimensão argumentativa no horóscopo que, por sua vez, influencia os modos de ver, pensar e sentir dos interlocutores, pois todo texto tem como objetivo evidente ou não agir sobre os valores e crenças dos interlocutores.

## 5.2 Análise dos dados

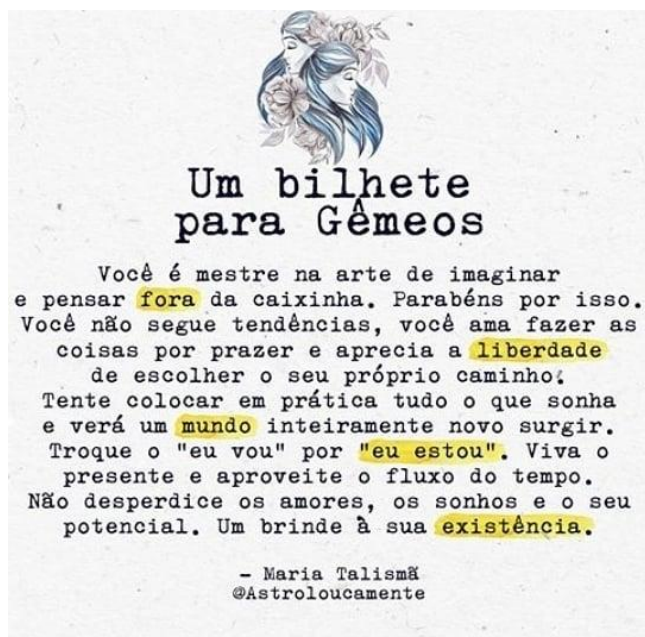


Figura 01 – Um bilhete para gêmeos



Figura 02 – Castelo de Malévola

Fonte: Página Astroloucamente no Instagram. Disponível:  
<<https://www.instagram.com/astroloucamente/?hl=pt-br>>.

Com base no primeiro critério de análise adotado nesta pesquisa e considerando as características linguísticas comuns apontadas por Adam (2019) nos textos de incitação à ação, percebemos que na figura 01, um bilhete para gêmeos, o sujeito da enunciação é apagado (C1). Embora os textos de horóscopos, conforme Adam (2019), sejam uma exceção, isto é, contenham assinatura do astrólogo responsável pelos conselhos e previsões, observamos que na figura em análise existe, na verdade, a criação de uma personagem cujo nome é “Maria Talismã” sendo responsável pelas previsões. Esse apagamento garante o caráter não subjetivo das informações dadas e exime o enunciador de responsabilidades quantos aos conselhos indicados.

Em contrapartida, o lugar do destinatário (figura 01) é deixado pronominalmente aberto (você) sendo também uma característica enunciativa (C1). Desse modo, pode ser ocupado por cada interlocutor do signo de gêmeos que se identifique com os conselhos: “você é mestre na arte de imaginar e pensar fora da caixinha” ou “você ama fazer as coisas por prazer e aprecia a liberdade de escolher o seu próprio caminho”.

Outra característica linguística existente (figura 01) é C2 (contrato de verdade e promessa de sucesso). Trata-se de um contrato de verdade implícito entre o locutor e o interlocutor. Esse contrato permite ao destinatário que se, ele seguir todos os conselhos indicados, alcançará o objetivo visado. Esse objetivo é prometido ao leitor sob condições de seguir os conselhos dados: “tente colocar em prática tudo o que você sonha e verá um mundo inteiramente novo surgir” ou “viva o presente e aproveite o fluxo do tempo”. Adam (2019) assevera que sob esse aspecto, o horóscopo não difere das diversas formas de instrução e de outros guias.

Há, por sua vez, a presença de C3 (léxico especializado) de um domínio de especialidade de acordo com os temas que são abordados. Há um léxico (figura 01) presente no campo do amor e das características pessoais: “ama, liberdade, caminho, sonha, existência, etc. Esse léxico especializado é imposto pela precisão informacional buscada e pelo fato de que o conhecimento desse universo seja supostamente comum aos coenunciadores.

Outra principal característica do discurso de incitação à ação é C4 (representação de ações e força ilocutória) que compreende a abundância de predicados representando ações temporais sucessivas e atualizadas no infinitivo, no imperativo, no futuro ou no presente. Observamos a abundância (figura 01) desses predicados: “tente colocar em prática tudo o que sonha”, “viva o presente e aproveite o tempo do fluxo”.

É possível perceber a forma como visualmente o horóscopo, como um discurso de incitação à ação, apresenta a característica C6 (macrossegmentação tipográfica) nas duas figuras (01 e 02) por meio de imagens que pode ir de uma simples ilustração à informação principal. As imagens assumem uma complementariedade – quando

reforçam as informações planejadas verbalmente ou uma informatividade – ao complementar as informações expressas linguisticamente ou substituindo o texto verbal sendo mais informativa do que este. Para Adam (2019) os textos de incitação à ação têm como propriedade comum uma grande segmentação e uma ampla exploração das possibilidades de formatação tipográfica são próprias dos discursos didáticos e da imprensa.

O nosso segundo critério de análise, a dimensão argumentativa, toma por base a concepção apresentada por Amossy (2018). Vejamos que se trata de um texto (figura 02) desprovido de visada argumentativa, mas cuja dimensão argumentativa pode ser recuperada pelo viés da intertextualidade. Essa intertextualidade é recuperada pela sequência de imagens das fadas-madrinhas e da personagem principal, Malévola, vilã do filme produzido pela Disney, em 2014. O horóscopo recupera uma cena filme em que as fadas fazem presságios bons e ruins para a princesa que havia nascido.

Dessa forma, não há defesa de uma tese, mas a orientação do olhar do interlocutor volta-se para as qualidades e defeitos que esse bebê de touro terá durante sua vida. Conseqüentemente, o auditório é chamado a contemplar as qualidades e defeitos por meio de diferentes adjetivos: “persistente”, “lealdade”, “apegado”, “complicado”, etc.

Essa intertextualidade (figura 02), que produz uma situação de humor, permite que o horóscopo esteja entre aqueles textos de dimensão argumentativa, pois busca influenciar os modos de ver pensar do auditório, atualizando as características dos taurinos sem, porém, defender claramente um ponto de vista sobre isso.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interface teórica aqui realizada nos permitiu corroborar com a noção de que o gênero horóscopo on-line como pertencente a categoria do discurso de incitação à ação, ou seja, um texto de finalidade prática, mesmo que se aproxime mais do conselho do que da programação, cujo objetivo é facilitar e guiar a realização de uma tarefa do sujeito que a deseja ou que é responsável por fazê-la.

Além disso, não podemos considerar o texto que se materializa no gênero horóscopo on-line como um tipo de sequência injuntiva, mas que deve ser visto como pertencente a uma família de gêneros discursivos fortemente determinados por componentes semântico-pragmáticos, como visada ilocutória, lugar enunciativo vazio a ser ocupado pelo interlocutor, mundo representado não funcional.

Nas análises realizadas, foi possível observar as características linguísticas comuns ao discurso de incitação à ação, como o apagamento do sujeito enunciador e solicitação do sujeito-agente (destinatário); contrato de verdade entre os interlocutores que garante ao destinatário que se ele cumprir os conselhos, isto é, alcançará o objetivo visado; léxico especializado pelo suposto conhecimento compartilhado entre os coenunciadores; abundância de predicados de ações e a presença de elementos icônicos (fotografia, desenhos, imagens, etc.).

Por fim, constatamos que o horóscopo on-line possui também uma dimensão argumentativa, pois orienta os modos de ver, pensar e sentir do leitor em relação às características que são atribuídas aos indivíduos de tal signo, no caso, de touro, sem que haja a defesa de um ponto de vista, porém não deixa de agir sobre valores e crenças dos leitores.

## REFERÊNCIAS

ADAM, J.M. **Textos: tipos e protótipos**. trad: Mônica Cavalcante et al. São Paulo: Contexto, 2019.

AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. Trad: Eduardo Piris et al. São Paulo: Contexto, 2018.

\_\_\_\_\_. Rhétorique et analyse du discours. Pour une approche socio-discursive des textes. In: ADAM, J.M.; HEIDMANN, U. (éds.). In: **Sciences du texte et analyse de discours. Etudes de Lettres**, 2005, p. 163-179.

\_\_\_\_\_. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Trad. Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. EID&A – **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 1, p. 129- 144, jun./nov. 2011.



BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M (org.). **Estética da Criação Verbal**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 261- 306.

FARACO, C. A. **Linguagem e Diálogo**: as ideias do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, J.L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SILVA, E. L; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração da dissertação**. 4 ed. Florianópolis: UFSC, 2005